

Começamos, por meio deste PFD, uma série de estudos doutrinários baseados na Confissão de Fé Batista de 1689 (CFB 1689), e que serão intercalados, vez por outra, com outros temas de relevância para a igreja.

Este PFD é dividido em duas partes, para fins de estudo, e está previsto ser realizado em um único encontro no dia 14/8.

Na primeira parte destaca-se a importância das confissões de fé, seguido da história da primeira e segunda confissão de fé londrina, sendo esta última a própria CFB 1689. Termina-se com uma lista de temas tratados pela CFB 1689.

A segunda parte é, basicamente, a apresentação e discussão do capítulo 1º da CFB 1689.

Acreditamos que estudar a CFB 1689 será de grande valia, especialmente para produzir em nossa igreja unidade doutrinária efetiva e um respeito profundo pelas mais diversas declarações de fé produzidas ao longo da história da igreja.

Bons estudos.

Valdir.

A Confissão de Fé Batista de 1689 Importância e História

Importância

Vivemos dias em que não é “politicamente correto” dizer, de forma inequívoca, quais são as principais afirmações a respeito de Deus, do homem, do mundo, da igreja e da sociedade. Tem-se nítida dificuldade para traçar linhas divisórias claras, causando uma certa confusão nas pessoas sobre o que é um evangélico, ou o que é um cristão, quem é a igreja, qual é a verdade sobre a sociedade, Deus e o mundo.

Infelizmente alguns cristãos também combatem a ideia de ter uma confissão de fé, porque acreditam que é ruim traçar linhas distintivas doutrinárias, dizendo que elas “separam as pessoas umas das outras”, ou é considerado uma atitude exclusivista e arrogante. Nisto assemelham-se ao mundo, que prega um espírito de tolerância e de indefinição, para que todos possam se acomodar àquilo que cada um acredita ser a verdade, sem contestação.

Porém, tais pessoas não percebem que elas já estão separadas umas das outras justamente porque não creem nas mesmas doutrinas fundamentais. E pior, estão também separadas do cristianismo histórico que defendia a necessidade, já nos primórdios da igreja, de ter credos, confissões, catecismos e declarações de fé. Abrem espaço para um ecumenismo sincretista que é danoso para o Reino de Deus.

Creemos que a igreja, com um mínimo de responsabilidade quanto à verdade, deve ter um conjunto de documentos norteadores daquilo que crê. A IBRVN não é diferente nesse aspecto e promove um conjunto de documentos (disponíveis aos seus membros)

que compõem um grupo de materiais, sob o nome de “Referenciais Teológicos”. Dentre esses materiais valiosos encontra-se a Confissão de Fé Batista de 1689, alvo desse PFD.

Em termos simples, uma confissão de fé é um documento criado para expor de maneira organizada e sistemática um conjunto de afirmações doutrinárias, que formam a base daquilo que se crê, extraídos da Palavra de Deus. Tais assuntos são também colocados de forma sequencial e seguindo uma lógica crescente, em que um assunto fornece base para o seguinte. Serve, portanto, como um referencial teológico para consulta da igreja, visando tornar claro aquilo que se crê, tanto para ensino, quanto para a defesa da Fé.

Lloyd-Jones disse ¹ que “ ora, todas essas Confissões, tanto quanto os catecismos que as acompanham, não são nada mais do que uma afirmação de doutrinas bíblicas, para que o povo dentro da Igreja pudesse saber exatamente o que crê e que não crê, bem como as razões para crê. Todas elas foram destinadas à nossa edificação na fé, bem como capacitar-nos a conhecermos exatamente a nossa posição. ”.

Desde cedo os apóstolos e os pais da igreja viram a necessidade de expor com clareza aquilo em que criam, visando tanto o ensino quanto o combate de heresias que entravam na igreja.

Vejam o que disse (Lloyd-Jones, 1997): *“Logo, logo as heresias começaram a surgir. Pessoas dentro da igreja começaram a dizer coisas que não eram corretas. Tais pessoas eram autênticas e sinceras, porém muitas estavam dizendo coisas equivocadas e mesmo nocivas. E esses mestres heréticos e falsos, não só provocavam confusão dentro da igreja, mas também desencaminhavam as pessoas que se achavam fora da igreja. O surgimento de heresias levou a Igreja Primitiva a redigir o que comumente chamamos credo; por exemplo, o Credo dos Apóstolos, o Credo Niceno e o Credo Atanasiano. ”* .

Só para citar alguns documentos, entre os primeiros manuais da igreja primitiva estavam²:

- *Didaquê* dos Apóstolos (Sec I)
- Demonstrações do Ensino Apostólico (Irineu, Sec. II)
- A Tradição Apostólica (Hipólito, no Sec. III)
- Agostinho, demonstrando as 3 virtudes teológicas: fé, esperança e amor (Sec. IV)

Como veremos, a Confissão de Fé Batista de 1689 não foi a primeira confissão a ser feita pelos protestantes. Consideramos, no entanto, como sendo um dos mais importantes documentos para os batistas reformados de todo o mundo, tendo sido adotada como confissão por inúmeras igrejas, inclusive no Brasil (CFB1689, 2012).

Veremos a seguir alguns aspectos históricos da criação da CFB 1689.

¹ (Lloyd-Jones, 1997)

² (Heyse, Catecismo de Heildberg, 2012)

Histórico das Confissões

Após a reforma protestante (iniciada em torno de 1517), houve um esforço da Igreja em realizar várias confissões de fé, sempre com o espírito de expor com clareza aquilo em que se crê, servindo como guia para a igreja.

Algumas principais confissões dos séculos XVI e XVII são:

1530	Confissão de Augsburg	Bastante luterana, apresentado por governantes alemães, seguidores de Lutero, e que não queriam mais seguir as determinações papais, e por isso resolveram escrever uma confissão. Foram queimados vivos por causa da sua fé e por causa do seu atrevimento, na tentativa de restaurar uma unidade religiosa e política no Império alemão ³ .
1536	Primeira Confissão Helvética	Bastante calvinista, visava unir zuínglios e luteranos. Feitos por teólogos suíços. ⁴
1560	Confissão Escocesa	Feito por Jhon Knox e outros irmãos, visava mostrar ao povo Escocês o que eles criam e professavam para tirar dúvidas que “Satanás espalha contra nós” ⁵ .
1561	Confissão Belga	Esse valioso documento foi escrito numa época em que os protestantes dos Países Baixos sofriam intensa repressão da Espanha católica que dominava a região. Seu autor foi o pastor reformado Guido de Brès ou Guy de Bray que deplorava as tendências anárquicas de muitos correligionários e insistia na importância de obedecer aos magistrados. Seu objetivo foi mostrar às autoridades espanholas que os reformados não eram rebeldes, mas cristãos cumpridores da lei ⁶ .
1562	Segunda Confissão Helvética	Foi escrito pelo reformador suíço Johann Heinrich Bullinger; mantém a mesma estrutura e objetivo da primeira. Foi aprovada pelo reformador Martin Bucer ⁷ .
1596	Verdadeira Confissão	Documento que tinha sido elaborado por homens ilustres tais como o famoso comentarista dos livros de Moisés, Henry Ainsworth e outros ⁸ .
1644	Primeira confissão de fé londrina	Escrito por batistas particulares (de linha calvinista) ingleses, em Londres (razão pela qual chamam-na confissão londrina) baseando-se no texto da Verdadeira Confissão ⁹ .
1646	Confissão de fé de Westminster	Fortemente presbiteriana. Aprovados pela Assembleia de Westminster (1643-1649), convocada pelo Parlamento inglês para elaborar novos padrões doutrinários, litúrgicos e administrativos para a Igreja da Inglaterra. O esboço inicial da Confissão de Fé de Westminster foi preparado por duas comissões a partir de outubro de 1644 (e levou 5 anos para terminar), com a plena participação dos representantes da Igreja da

³ (Heyse, História da Igreja, 2008).

⁴ <http://www.mackenzie.br/7047.html>

⁵ http://www.monergismo.com/textos/credos/confissao_escocesa.htm

⁶ <http://www.mackenzie.br/7055.html>

⁷ <http://www.mackenzie.br/7056.html>

⁸ (Renihan, 2015)

⁹ (CFB1689, 2012)

		Escócia, e fortemente influenciada pelos Puritanos Ingleses ¹⁰ .
1658	Declaração de Savoy	Revisão da Confissão de fé de Westminster conduzida pelo puritano John Owen
1689	Segunda Confissão de fé londrina	Escrito por batistas particulares (de linha calvinista) ingleses, baseando-se no texto da confissão de fé de Westminster e, principalmente, na declaração de Savoy ¹¹ .
1833	Confissão de Fé Batista de New Hampshire	É uma das confissões mais amplamente adotadas pelos Batistas e serviu de base para outras confissões que vieram após essa (em 1853, 1925 e 1986) após essa, contendo 16 artigos de linha batista reformada. ¹²

Destacamos o histórico das duas Confissões de Fé Londrinas, pois a 2ª confissão será chamada de Confissão de Fé Batista de 1689.

Primeira Confissão de Fé Londrina

De acordo com (Renihan, 2015) , um pouco antes de 1644 havia muita agitação político-religiosa na Inglaterra provocada pelos seguintes fatores:

- a) Crescimento das igrejas não oficiais na Inglaterra;
- b) Forte vinculação entre o estado e a igreja Anglicana oficial;
- c) Crescente preocupação com o crescimento das novas denominações;

Associado a isso, um fato gerou muita preocupação: em 1642, foi publicado um panfleto de 9 páginas cujo título era algo como *“Um Alerta para a Inglaterra, especialmente para Londres; a famosa História dos Anabatistas desvairados, e suas Pregações e Práticas ferozes na Alemanha”*. Como muitos estavam confundindo os batistas com os anabatistas, esse panfleto tornou a situação potencialmente explosiva e algo precisava ser feito.

Então 7 igrejas Batistas Particulares (de linha calvinista) em Londres, Inglaterra, no ano de 1644, resolveram demonstrar que eles não eram como aqueles anabatistas radicais, e que o que eles criam era muito parecido com o que criam os crentes mais bíblicos da época.

Como diz (Renihan, 2015): *“Pelo contrário, eles eram cidadãos obedientes à lei, que estavam sendo mal compreendidos e representados por muitos. Eles queriam e precisavam mostrar que eram bem ortodoxos em suas crenças teológicas, e que não tinham outra agenda senão o compromisso fiel e consciente para com Deus e Sua Palavra”*.

Diz (Renihan, 2015): *“Ao encarar tais circunstâncias, os Batistas decidiram que precisavam agir a fim de extinguir o medo e as informações erradas que se espalhavam. Deus abençoara seus esforços até aquele momento, e eles não queriam ver esses*

¹⁰ <http://www.mackenzie.br/7060.html>

¹¹ (CFB1689, 2012)

¹² Paulo Anglada – livro: *“Sola Scriptura”*. Ed. Os Puritanos, pg189. 1998.

esforços frustrados por boatos e insinuações de seus inimigos. Então adotaram uma prática frequentemente usada por outros nos últimos 150 anos — eles elaboraram uma confissão de fé de maneira que qualquer um deles interessado pudesse ser capaz de obter um entendimento preciso de suas doutrinas e práticas”.

Publicaram, então, a primeira confissão de fé, em Londres, em 1644, sob o título: “*A Confissão de Fé, das Igrejas que são comumente (embora falsamente) chamadas Anabatistas*”, demonstrando claramente o seu interesse em dissociar seu nome dos anabatistas. Tinham também o interesse de demonstrar que eles são ortodoxos, com convicções quase idênticas aos Puritanos à sua volta, baseando sua confissão em documentos fortemente bem conhecidos e aceitos pelas melhores igrejas e ministros à sua volta.

Os Batistas não podiam ser confundidos com os anabatistas, considerados por muitos como loucos fanáticos que intencionavam derrubar a sociedade conhecida. Pelo contrário, eles eram cristãos reformados, que procuravam desenvolver os princípios sobre os quais a Reforma tinha sido construída até suas conclusões lógicas, e queriam agora garantir a sua liberdade religiosa em face do crescente poder religioso-político que a Igreja Presbiteriana estatal começava a ter. Era uma proclamação pública, sóbria e séria de que eles eram cristãos ortodoxos, que defendiam praticamente tudo o que os Puritanos defendiam.

Afirma (Renihan, 2015) sobre os documentos usados, que, “*provavelmente foi a melhor e mais detalhada Confissão disponível, conhecido como a Verdadeira Confissão de 1596, um documento que tinha sido elaborado por homens ilustres tais como o famoso comentarista dos livros de Moisés, Henry Ainsworth. Cerca de 50% da confissão dos Batistas foi tirada diretamente desse documento mais antigo. Além disso, eles utilizaram amplamente um livro chamado “The Marrow Theology “[Teologia Essencial], escrito por um Puritano muito famoso e importante, William Ames”.*

Segundo (Renihan, 2015) isso funcionou e vários homens (Stephen Marshall, Thomas Edwards, Daniel Featley e outros) passaram a elogiar a declaração como sendo, em essência, teologicamente correta, apesar de que alguns deles ainda se mantiveram céticos da posição batista. As críticas foram, então, absorvidas pelos Batistas, que reformaram pequenas partes da confissão em 1646 e depois em 1651.

A edição da CFB de 1644 é atribuída a John Spilsbury, um dos mais antigos pastores em Londres, que provavelmente foi assistido nessa tarefa por William Kiffin e Samuel Richardson.

Por muitos anos ela serviu como base para ortodoxia e comunhão entre os Batistas Calvinistas. Mas em meados da década de 1670, as igrejas acharam necessário realizar outra confissão, já que havia sido impressa a Confissão de Fé de Westminster e a Confissão de Savoy, considerada por muitos, superior à Verdadeira Confissão de 1596 (que foi a base utilizada). Além disso apareceu a necessidade de tratar do *sabbath* (cuja teologia começou a se infiltrar nas igrejas), além da necessidade de combater algumas heresias correntes, especialmente as promulgadas por Thomas Collier [contestava a

natureza de Cristo e o pecado original]. Portanto, uma nova Confissão foi editada e circulada entre as igrejas para avaliação.

Segunda Confissão de Fé Londrina

A segunda confissão de fé londrina, posteriormente conhecida como Confissão de Fé Batista, foi publicada em 1677, e começou a circular em muitas igrejas, se tornando referência doutrinária explícita.

Diz (Renihan, 2015) que *“ela não apareceu repentinamente, o produto de uma súbita explosão de conhecimento teológico da parte de seu autor ou autores, mas seguindo o costume de elaborar bem uma Confissão, ela está amplamente vinculada a documentos Reformados mais antigos. Uma rápida olhada mostrará que ela se baseia, em larga escala, no mais Puritano dos documentos, a Confissão de Fé de Westminster de 1647. Uma inspeção mais cuidadosa revelará que ela está ainda mais intimamente relacionada à revisão da Confissão de Westminster feita em 1658 por John Owen e outros, popularmente conhecida como Declaração de Savoy. Em quase todos os casos, os editores da Confissão Batista seguiram as revisões dos editores de Savoy quando esses diferiam do documento de Westminster. Além disso, os Batistas fizeram uso ocasional da fraseologia da Primeira Confissão Londrina”*.

Certamente eles poderiam ter optado por rever a Confissão de 1644, mas ao optar por seguir as confissões já estabelecidas, estavam declarando com vigor seu próprio desejo de serem colocados entre a Cristandade Inglesa Reformada e Confessional.

Mas isso quer dizer que foi somente uma cópia? Não. Segundo (Renihan, 2015), *“devemos observar quando as Confissões [Batistas] se afastam de algum desses documentos. São nesses pontos que os Batistas expressam suas contribuições distintas à Teologia Cristã. Onde essas coisas estão mais evidentes, em ambas as Confissões? Claramente, no que diz respeito à doutrina da Igreja. Mesmo que pudessem concordar com muito do que era crido pelos Pedobatistas (que batizam crianças), os aspectos característicos de sua fé são encontrados nas declarações acerca da igreja”*. Aqui encontramos a grande diferença. A Eclesiologia foi a força motriz por trás do movimento Batista, e é esse o distintivo teológico que dá a essas confissões suas ênfases batistas, diferentes dos demais”.

A primeira referência conhecida à confissão data de 26 de agosto de 1677, nas atas da Igreja de Petty France (Londres), sendo, provavelmente, a igreja de origem dessa confissão. Está claro que Nehemiah Coxe, grande teólogo e defensor da fé calvinista, foi o editor da Confissão de Fé, junto com William Collins¹³.

A Confissão se tornou leitura comum, e foi usada como teste de ortodoxia pelas igrejas, que passaram a pedir que aqueles que quisessem se unir à igreja subscrevessem a confissão de fé.

¹³ (Renihan, 2015)

Em 1689 houve uma assembleia geral das igrejas para considerar algumas questões importantes, de 03 a 12 de julho, com 108 igrejas representadas. Nessa assembleia foi endossando a CFB, em que foi dito que a *“Confissão foi feita por nós mesmos, como contendo a doutrina de nossa fé e prática, e anelamos que os próprios membros de nossas igrejas sejam supridos com ela”*¹⁴.

Porque tanto tempo se passou entre 1677 até que em 1689 fosse definido oficialmente essa confissão? A resposta é simples: foi em 1689 que foi promulgada o “Ato de Tolerância” que permitia que outras denominações, que não a Anglicana, também coexistissem na Inglaterra, concedendo-lhes liberdade religiosa.

Segundo (Spurgeon, 2015), foi *“por medo de perseguição, os compiladores da Confissão de 1677 não assinaram seus nomes, mas quando, em setembro de 1689, depois da revolução do ano anterior, os Ministros e Mensageiros das igrejas puderam se encontrar em tempos mais pacíficos, trinta e sete deles, incluindo todos os ministros Batistas mais eminentes da época, assinaram os seus nomes para a recomendação que circulou entre as igrejas. Depois disso, entre 150 e 200 anos, esta permaneceu a Confissão de Fé definitiva das igrejas Batistas Particulares (ou Calvinistas) da Inglaterra e País de Gales.”*.

Partes constituintes

A CFB 1689 trata de assuntos relevantes para a Fé histórica, constituindo-se o mais importante agrupamento de declarações de fé para o meio Batista Reformado, estabelecendo seus fundamentos doutrinários.

Os temas abarcam basicamente doutrinas sobre: Bíblia Sagrada, Deus (Teologia), a queda do homem (Antropologia), Cristo (Cristologia), o evangelho aplicado na salvação (Soteriologia), vida cristã, Igreja (Eclesiologia), sacramentos e o juízo final (Escatologia).

Leia a lista dos títulos dos capítulos da CFB 1689 para ter uma visão mais completa dos assuntos tratados por ela:

1. As sagradas escrituras
2. Deus e a santíssima Trindade
3. O decreto de Deus
4. A criação
5. A providência divina
6. A queda do homem; o pecado e sua punição
7. O pacto de Deus
8. Cristo, o mediador
9. Livre arbítrio
10. A chamada eficaz
11. A justificação
12. A adoção

¹⁴ Citado por (Renihan, 2015) , de *A Narrative of the Proceedings of the General Assembly Of divers Pastors, Messengers and Ministring Brethren of the Baptized Churches, met together in London, from Septemb. 3. to 12. 1689, from divers parts of England and Wales: Owning the Doctrine of Personal Election, and final Perseverance* (London, 1689)

13. A santificação
14. Fé salvadora
15. Arrependimento para vida e salvação
16. Boas obras
17. A perseverança dos santos
18. A certeza da graça e da salvação
19. A lei de Deus
20. O evangelho e a extensão de sua graça
21. Liberdade cristã e liberdade de consciência
22. Adoração religiosa e o Dia do Senhor
23. Juramentos legítimos e votos
24. Magistrado civil
25. Matrimônio
26. A igreja
27. A comunhão dos santos
28. Batismo e ceia do senhor
29. Batismo
30. A ceia do Senhor
31. O estado do homem após a morte
32. O juízo final

Refleta sobre o que lemos até agora e responda as seguintes questões, justificando-as:

- a) Será que é importante que tenhamos uma confissão de fé?
- b) Pense em situações difíceis, como heresias entrando na igreja. Será que as confissões nos ajudam a combatê-las?
- c) Porque é importante definir o que se crê, como igreja?
- d) O Dr. Robert Martin afirmou que *“uma igreja sem Confissão de Fé tem o equivalente teológico do vírus da AIDS.”* Você acha que ele está certo? Porquê?
- e) O que confissões e unidade (doutrinária) tem a ver?

Alguns fazem objeções à confissão de fé. Algumas mais comuns são listadas a seguir.

Tente argumentar a favor/contra a essas objeções:

- a) Elas tendem a tomar o lugar da Bíblia nas igrejas
- b) Não são encontradas na Bíblia e por isso não devem ser aceitas
- c) Elas são complicadas de entender e dificultam viver a vida simples da fé
- d) Servem como uma camisa de força (engessam) e tiram a liberdade de pensamento
- e) Servem mais para provocar divisão e conflitos
- f) Deve ser algo pessoal e não algo da igreja
- g) São coisas do passado, ultrapassadas
- h) Elas não são garantia de cumprimento da verdade
- i) Foi feita para dar força aos oficiais da igreja visando dominar o rebanho

Capítulo 1 – A SAGRADA ESCRITURA

Introdução

Jamais devemos esquecer que *“as coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei.”* (Deuteronômio 29:29¹⁵).

Em suma, a Bíblia nos pertence, é nossa, foi dada a nós, revelando Deus e seu evangelho da salvação a todos os que a leem com o coração sincero, tendo aberto seus olhos pela obra do Espírito Santo.

Deus tem revelado a Sua vontade a nós por meio deste conjunto de 66 livros, construídos ao longo de aproximadamente 1500 anos, por aproximadamente 39 autores.

Martin Lloyd-Jones diz¹⁶ que *“a Bíblia, em sua essência, é a grande história da redenção através de Deus, e provinda de Deus, de uma forma [tal] que pudéssemos compreender, ver e crer”*.

A declaração de Cambridge (Cambridge, 2012) afirma que *“Só a Escritura é a regra inerrante da vida da igreja, mas a igreja evangélica atual fez separação entre a Escritura e sua função oficial. Na prática, a igreja é guiada, por vezes demais, pela cultura. Técnicas terapêuticas, estratégias de marketing, e o ritmo do mundo de entretenimento muitas vezes tem mais voz naquilo que a igreja quer, em como funciona, e no que oferece, do que a Palavra de Deus”*.

Tudo isso aponta para a validade da Bíblia como sendo a infalível e inerrante Palavra de Deus.

Antes de começarmos os estudos, é importante uma observação. Muitos foram ensinados que um cristão deve dar valor somente a Bíblia, o que não é, de longe, o sentido do termo *“sola scriptura”*. O termo aponta para a infabilidade das Escrituras, mas não aponta como sendo a única fonte de consulta. Uma visão assim despreza séculos de desenvolvimento teológico conquistado pela Igreja, indo na direção de um *“solo scriptura”*¹⁷, que assume a postura de “eu e minha Bíblia”, afirmando que é errado ter ou consultar outros referenciais além das Escrituras. Não caiamos nesse erro.

Método de estudo

O método de estudo que sugerimos é:

¹⁵ As citações bíblicas neste documento são da tradução Revista e Atualizada.

¹⁶ Grandes Doutrinas Bíblicas, pág. 11, Editora PES, 1977.

¹⁷ (Heyse, Sola Scriptura, 2014)

- a) Ler o texto da CFB 1689, lendo os versículos citados como prova (dividindo-os antes entre os presentes)
- b) Ler o que foi comentado e levantar algumas questões relevantes para reflexão
- c) Anotar conclusões importantes ou dúvidas

Faremos **dez (10) afirmações** sobre o tema da Sagrada Escritura; procure memorizá-las durante os estudos, lembrando que elas não fazem parte da CFB 1689, mas são apenas uma maneira para auxiliar na memorização do assunto tratado.

Usaremos, ao longo do texto, o termo Bíblia como sendo uma redução do termo Bíblia Sagrada ou Sagrada Escritura.

Material Adicional Opcional

Juliano Heyse, sobre o tema “Sola Scriptura”, CTB de 2014

http://ibrvn.com/?page_id=3305

(8 áudios de aproximadamente 1 h)

Pr. Franklin Ferreira sobre o tema “Sola Scriptura”, disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=7vIYI13xXmk>

(1 áudio de aproximadamente 1h)

Afirmção 1 – A Bíblia é a única regra suficiente completa e infalível de conhecimento, de fé e de obediência

“A Sagrada Escritura é a única regra suficiente, certa e infalível de conhecimento para a salvação, de fé e de obediência.¹ A luz da natureza, e as obras da criação e da providência, manifestam a bondade, a sabedoria e o poder de Deus, de tal modo que os homens ficam inescusáveis; contudo não são suficientes para dar conhecimento de Deus e de sua vontade que é necessário para a salvação.²

Por isso, em diversos tempos e por diferentes modos, o Senhor foi servido revelar-se a si mesmo e declarar sua vontade à sua igreja.³ E para a melhor preservação e propagação da verdade, e o mais seguro estabelecimento e conforto da Igreja, contra a corrupção da carne e a malícia de Satanás e do mundo, foi igualmente servido fazer escrever por completo todo esse conhecimento de Deus e revelação de sua vontade necessários à salvação; o que torna a Escritura indispensável, tendo cessado aqueles antigos modos em que Deus revelava sua vontade a seu povo.⁴ “¹⁸

¹⁸ (CFB1689, 2012) - ¹ 2 Tm 3.15-17; Is.8.20; Lc.16.29,31; Ef.2.20; ² Rm.1.19-21; Rm.2.14,15; Sl.19.1-3; ³ Hb.1.1; ⁴ Pv.22.19-21; Rm.15.4; 2Pe.1.19,20

Essa é a primeira e fundamental afirmação. Negá-la tem trazido todo tipo de males para a igreja.

Nosso irmão Juliano (Heyse, *Sola Scriptura*, 2014) afirma que *“da mesma forma que o nosso coração não aceita que a salvação possa ser sem mérito algum, somente pela graça de Deus, e nós sempre temos essa tendência de nos gloriarmos em nós mesmos, assim também o homem deseja colocar lado a lado com a Palavra de Deus suas próprias ideias, tradições e preferências pessoais. É o homem tentando controlar a verdade de Deus. Essa é a origem de todo falso ensino, todo erro e heresia que a igreja teve que enfrentar ao longo da sua existência”*.

Observe que temos outras fontes de revelação das características de Deus, porém não são suficientes para mostrar claramente a condição do homem, a vontade de Deus, e o evangelho da salvação (Romanos 1:18-21 e 2:14-15). A Bíblia é a única fonte **infalível** capaz de trazer luz e revelar Deus ao ser humano. Desprezar a Bíblia é, em última análise, desprezar a Deus.

Ao dizer “o Senhor foi servido revelar-se a si mesmo” demonstra que é uma revelação divina dada pelo próprio Deus. Revelar é mostrar aquilo que está escondido ou oculto. Deus mostrou-se a si mesmo aos seres humanos por meio da Sua revelação especial, que é a Bíblia.

Ao dizer “escrever por completo” declara-se que não haverá mais inserção de novos escritos na Bíblia, e que não precisamos de outra revelação adicional que possa trazer luz ao conhecimento de Deus.

Ao dizer que é “infalível”, quer dizer que não falha, é certa, não é algo que possa ser derrubado ou questionado, posto em dúvida. A Bíblia não contém erros ou contradiz-se a si mesma quanto ao tema de que trata.

Pare e pense um pouco nesses 3 termos: suficiente, infalível e completa. Será que podemos definir satisfatoriamente o sentido desses 3 termos? Tente!

Afirmação 2 – Fazem parte da Bíblia todos os livros do Velho e do Novo Testamento

“Sob o nome de Sagradas Escrituras ou Palavra de Deus escrita, incluem-se agora todos os livros do Velho Testamento e Novo Testamento¹⁹. Todos os quais foram dados por inspiração de Deus, para serem a regra de fé e vida prática”.

¹⁹ A lista de livros não está incluída nesse PFD, e estão disponíveis em (CFB1689, 2012)

Isso quer dizer que não tem nenhum livro menos importante, e não tem livro que Deus não tenha dado a nós. Todos possuem igual importância, independente se está no velho ou no novo testamento e devem, igualmente, serem estudados.

Observe o que afirma 2 Timóteo 3:16-17: “ Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”. Isso mostra que é “toda a Escritura”, e não uma parte dela. Mostra também que Deus visa habilitar o ser humano para toda a boa obra, por meio de Sua palavra.

Será que vemos que o todos os livros são importantes, ou achamos que somente o novo testamento é que é importante?

Afirmiação 3 – Os livros Apócrifos não têm nenhuma autoridade

“Os livros comumente chamados Apócrifos, não sendo de inspiração divina, não fazem parte do cânon ou compêndio das Escrituras. Portanto, nenhuma autoridade tem para a Igreja de Deus, e nem podem ser de modo algum aprovado ou utilizados, senão como quaisquer outros escritos humanos.”^{6” 20}

A palavra “apócrifo” quer dizer “oculto, escondido”. Esses livros não foram reconhecidos pelos cristãos durante o processo de construção do conjunto de livros considerados inspirados (cânon). Portanto, não são inspirados divinamente e não tem nenhuma autoridade para nós hoje.

Afirmiação 4 – O autor da Bíblia é Deus, derivando disso a sua plena autoridade

“A autoridade da Sagrada Escritura, razão pela qual deve ser crida e obedecida, não depende do testemunho de qualquer homem ou igreja, mas provém inteiramente de Deus, sendo Ele mesmo a verdade e o seu autor. A Escritura, portanto, tem que ser recebida, por ser a Palavra de Deus.”^{7”21}

Isso quer dizer que Deus é o autor da Bíblia, e, portanto, tem que ser recebida como autoridade final sobre qualquer tema que se discuta na igreja.

Como diz 2 Pedro 1:20-21-22, “nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo”.

Os escritores da Bíblia não participam trazendo clareza, nem participam com a sua vontade, mas todos foram movidos pelo Espírito Santo.

²⁰ (CFB1689, 2012) - ⁷Lc.24.27,44; Rm.3.2

²¹ (CFB1689, 2012) - ⁷ 2 Pe.1.19-21; 2 Tm.3.16; 2 Ts.2.13; 1 Jo.5.9

Afirmção 5 – A Bíblia possui excelências incomparáveis, mas a plena persuasão vem do Espírito Santo

“Pelo testemunho da Igreja de Deus podemos ser movidos e persuadidos a ter em alto e reverente apreço as Sagradas Escrituras. A santidade do assunto, a eficácia da doutrina, a majestade do estilo, a harmonia de todas as partes, o propósito do todo (que é dar toda glória a Deus), a plena revelação que faz do único meio de salvação para o homem, e muitas outras excelências incomparáveis e perfeição completa, são argumentos pelos quais abundantemente se evidencia serem elas a Palavra de Deus. Contudo, a nossa plena persuasão e certeza quanto à sua verdade infalível e divina autoridade provém da operação interna do Espírito Santo, que pela Palavra e com a Palavra testifica aos nossos corações.”^{8”22}

Apesar de todos os argumentos favoráveis à autoridade e Infabilidade das Escrituras Sagradas serem muito fortes, mais importante ainda é que a plena persuasão vem pela operação do Espírito Santo na vida dos cristãos.

Um cristão, portanto, diante da autoridade da Escritura, mantém-se submisso àquilo que ela afirma com clareza. Deseja que a Bíblia seja o destaque, e não pensamentos pessoais, gostos ou preferências, justamente porque foi convencido de que ela é a Palavra de Deus. Não ousa nem duvidar, nem questionar, e jamais pensa em alterar aquilo que Deus disse.

Afirmção 6 – A Bíblia é completa e suficiente para a salvação, mas não trata de todos os assuntos possíveis

“Todo o conselho de Deus, concernente a todas as coisas necessárias para a sua própria glória, para a salvação do homem, a fé e a vida, está expressamente declarado ou necessariamente contido na Sagrada Escritura. A ela nada em tempo algum se acrescentará, quer por nova revelação do Espírito, quer por tradições de homens.”⁹

Entretanto, reconhecemos ser necessária a iluminação interior, da parte do Espírito de Deus, para a compreensão salvadora daquilo que é revelado na Palavra.¹⁰ Reconhecemos que há algumas circunstâncias, concernentes à adoração a Deus e ao governo da igreja, que são peculiares às sociedades e costumes humanos, e que devem ser ordenadas pela luz da natureza e pela prudência cristã, segundo as normas gerais da Palavra que sempre devem ser observadas.^{11 “ 23}

²² (CFB1689, 2012) - ⁸ Jo.16.13,14; 1Co.2.10-12; 1Jo.2.20,27

²³ (CFB1689, 2012) - ⁹ 2Tm.3.15-17; Gl.1.8,9; ¹⁰ Jo.6.45; 1Co.2.9-12; ¹¹ 1Co.11.13,14; 1Co.14.26,40

Muitas pessoas acham que a Bíblia trata exaustivamente de qualquer assunto. Isso não é verdade, pois muitas vezes a Bíblia toca superficialmente alguns temas que não são o seu foco. Mesmo naquilo que é seu tema, nem sempre faz uma abordagem ampla. Lloyd-Jones afirma que “a Bíblia nem sempre se preocupa em fornecer-nos uma história completa de tudo quanto Deus tem feito – ele tem feito muitas coisas que não se acham mencionadas na Bíblia – mas ele seleciona certos fatos que ajudam a realçar o seu próprio propósito e plano”.

Um exemplo são os 4 (Heyse, Sola Scriptura, 2014) evangelhos, que não pretendem ser uma biografia completa de Jesus, e nem são iguais em tudo, mas se preocupa em destacar determinadas verdades acerca de Cristo.

Isso quer dizer:

- a) É completa, mas não tem tudo. Parece contraditório?
- b) Dá normas gerais que exigem sabedoria para aplicação
- c) Há assuntos que, ou não são tratados, ou são tratados marginalmente (governo de igreja, por exemplo). Esses assuntos exigem discernimento bíblico e uma ampla avaliação. Nesse caso a Bíblia nos dá princípios gerais que servirão de balizamento para alguma decisão.

Afirmção 7 – Na Bíblia nem tudo é claro e evidente, exceto o que tem a ver com a salvação

“Na Escritura não são todas as coisas igualmente claras, nem igualmente evidentes para todos.¹² Mesmo assim, as coisas que precisam ser conhecidas, cridas e obedecidas para a salvação estão claramente propostas e explicadas em uma passagem ou outra; e, pelo devido uso de meios comuns, não apenas os eruditos, mas também os indoutos, podem obter uma compreensão suficiente de tais coisas.¹³”²⁴

Alguns podem dizer que a Bíblia é somente para pessoas preparadas para entendê-la, mas não é assim. Os Romanistas chegam a afirmar que a Palavra de Deus não pode ser posta na mão do povo porque ela seria mal interpretada, e com isso deixaram séculos de escuridão quanto ao conhecimento de Deus.

Não é que não haja questões difíceis de entender, como afirma 2 Pedro 3:16: “ao falar acerca destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles”. Sim, há, mas Deus tem providenciado vários meios capazes de tornar mais claro o seu correto sentido, especialmente através de mestres (Efésios 4.11), que compõem livros, preleções, estudos, etc.

²⁴ (CFB1689, 2012)- ¹² 2 Pe.3.16; ¹³ Sl.19.7; Sl.119.130

Afirmção 8 – A Bíblia é inspirada e conservada pura por Deus

“O Antigo Testamento em hebraico (que era a língua vernácula do povo de Deus na antigüidade),¹⁴ e o Novo Testamento em grego (que em sua época era a língua mais conhecida entre as nações), tendo sido diretamente inspirados por Deus e, pelo seu singular cuidado e providência, conservados puros no correr dos séculos, são, portanto, autênticos, de maneira que, em toda controvérsia de natureza religiosa, a Igreja deve apelar para eles como palavra final.¹⁵

Mas visto que essas línguas originais não são conhecidas de todo o povo de Deus – Que tem direito e interesse nas Escrituras, e que é ordenado a ler¹⁶ e examinar¹⁷ as Escrituras no temor de Deus – os Testamentos devem ser traduzidos para a língua de cada nação,¹⁸ a fim de que, permanecendo a Palavra no povo de Deus, abundantemente, todos adorem a Deus e maneira aceitável, e pela paciência e consolação das Escrituras possam ter esperança.^{19 “ 25}

A precisão nas cópias do Velho Testamento (por causa do extremo cuidado que os judeus tinham em preservá-la) e a abundância de cópias no Novo Testamento são provas suficientemente forte para mostrar que Deus tem preservado a sua Palavra ao longo dos séculos.

Alguns podem argumentar que precisamos saber as línguas originais para então poder ler as escrituras adequadamente, e que soubéssemos as línguas originais (grego e hebraico), veríamos que as traduções não trazem a verdade de Deus. Nada mais longe da verdade.

Certamente saber o significado das palavras na sua língua original é muito útil, e vemos pregadores e mestres buscando em dicionários e comentários ajuda para entender essas palavras. Mas daí dizer que “é necessário” para conhecer a Deus tem uma grande distância.

No entanto, se houver alguma controvérsia, não nos furtamos em buscar o significado das palavras na sua língua original, e isso deve trazer paz a qualquer discórdia que houver quanto a interpretação de algum texto.

Afirmção 9 – A Bíblia interpreta-se a si mesma

“A regra infalível de interpretação das Escrituras é a própria Escritura. Portanto, sempre que houver dúvida quanto ao verdadeiro e pleno sentido de qualquer passagem (sentido este que não é múltiplo, mas um único),

²⁵ (CFB1689, 2012) - ¹⁴ Rm.3.2; ¹⁵ Is.8.20; ¹⁶ At.15.15; ¹⁷ Jo.5.39; ¹⁸ 1Co.14.6, 9, 11, 12, 24, 28; ¹⁹ Cl.3.16

*essa passagem deve ser examinada em confrontação com outras passagens, que falem mais claramente.*²⁰ ²⁶

O que fazemos quando temos dúvidas sobre um texto? Procuramos outros textos correlatos, que trazem luz ao assunto tratado por aquele primeiro texto. Buscamos também princípios gerais já estabelecidos na Palavra e que servem de balizamento para a correta interpretação de um determinado texto.

Toda afirmação deve ser comparada com outras afirmações contidas na Palavra, e dado que não há contradição (por ser Deus o autor), certamente deve haver algo que ainda não foi claramente visto, se permanece alguma dupla interpretação.

Sejamos como os Bereanos. Em Atos 17:10 e 11 diz: “ *E logo, durante a noite, os irmãos enviaram Paulo e Silas para Beréia; ali chegados, dirigiram-se à sinagoga dos judeus. Ora, estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim. ”*

Afirmação 10 – A Bíblia é o juiz supremo de toda controvérsia

*“O juiz supremo, pelo qual todas as controvérsias religiosas devem ser resolvidas e todos os decretos e concílios, todas as opiniões de escritores antigos e doutrinas de homens devem ser examinadas, e os espíritos provados, não pode ser outro senão a Sagrada Escritura entregue pelo Espírito Santo. Nossa fé recorrerá à Escritura para a decisão final.”*²¹ ²⁷

Lutero disse, ao final da Dieta de Worms (1521) quando foi instado a negar aquilo que tinha escrito: “*A não ser que me convençam através da Escritura Sagrada ou por raciocínio evidente, não posso me retratar. Pois minha consciência está cativa à palavra de Deus e agir contra a consciência não é certo nem seguro. Aqui permaneço, não posso agir de outra forma. Que Deus me ajude*”.

Essa é a postura de todo cristão. Veja que Lutero abre espaço para o uso do “raciocínio evidente” para entender a Sagrada Escritura, coisa para qual também devemos atentar, pois muitos caem no erro dos literalistas, que olham apenas para a letra, sem entender o espírito pelo qual alguma verdade é citada.

²⁶ (CFB1689, 2012) - ²⁰ 2Pe.1.20,21; At.15.15,16

²⁷ (CFB1689, 2012) - ²¹ Mt.22.29,31; Ef.2.20; At.28.23

Conclusão

Não é sem propósito que foi escolhido, como o primeiro capítulo da CFB 1689, o tema da Sagrada Escritura. Sabemos que todo o conhecimento objetivo de Deus e da salvação vem dela e sob ela é construído, inclusive as próprias Confissões.

John Foxe, em seu “Livro dos Mártires”, conta-nos a história de Willian Tyndale. Ele é conhecido por traduzir o novo testamento do grego para o inglês, e partes do velho testamento, no início da reforma protestante. Ele andava pela Inglaterra e sofria muito pelo fato do povo não ter acesso às Escrituras, e mesmo aqueles que tinham, percebia-se nitidamente a manipulação dos Romanistas no sentido de distorcer as Escrituras.

Eis como Tyndale via a situação:

“Tyndale julgou não haver melhor caminho para isso do que traduzir as Escrituras para a linguagem popular, a fim de que o pobre povo pudesse ler e ver a pura e simples Palavra de Deus. Ele percebeu que não era possível conduzir os leigos a qualquer verdade, a menos que as Escrituras fossem colocadas diante de seus olhos de forma clara em sua língua materna para que eles pudessem ver o significado do texto. Caso contrário, qualquer verdade que se lhes ensinasse, os inimigos da verdade a apagariam seja com seus raciocínios sofistas e tradições por eles criadas sem fundamento algum nas Escrituras, seja fazendo malabarismos com o texto, expondo- o de modo que impossibilitasse a eles a compreensão, caso se quisesse discernir seu sentido exato. Mestre Tyndale considerava que a causa de todo o mal no seio da Igreja provinha unicamente, ou quase, do fato de as Escrituras não serem expostas aos olhos do povo. Os atos abomináveis e as idolatrias fomentadas pelo clero farisaico não podiam ser detectadas; portanto, todo o trabalho e esforço era para ocultar a Bíblia, a fim de que não fosse sequer lida, ou caso a fosse, a fim de obscurecer lhes o sentido exato com a névoa de seus sofismas, enredando assim os que censuravam ou desprezavam suas abominações.”

Após traduzir o novo testamento, Tyndale teve que enfrentar a fúria do clero.

“Tão grandes eram na época os perversos recursos do clero inglês (cujos membros deveriam ter sido os guias de luz para o povo) destinados a afastar as pessoas do conhecimento da Escritura, que eles mesmos não queriam traduzir nem aceitavam que outros o fizessem. Sua intenção (conforme diz Tyndale) era a de manter o mundo nas trevas para poder dominar as consciências do povo pela vã superstição e a falsa doutrina, para satisfazer a sua ambição e cobiça insaciável, e para exaltar a própria honra acima do Rei e do imperador. [....] Os bispos e prelados não tiveram descanso algum até conseguirem o apoio do rei à sua causa. Assim, providenciou-se uma proclamação apressada, expedida sob os auspícios da autoridade pública, determinando que o Novo Testamento da tradução de Tyndale fosse proibido. O fato aconteceu por volta de 1537, d.C. Não satisfeitos com isso, foram ainda mais longe, para prendê-lo em suas redes e tirar-lhe a vida. “

Vejam o esforço desse homem para colocar a Palavra de Deus nas mãos do seu povo! Isso custou-lhe a vida, pois ele foi traído por um falso amigo, que o entregou nas mãos dos magistrados, que por fim o enforcaram.

Que possamos valorizar a Bíblia que está nas nossas mãos, e as Confissões de Fé que espelham as doutrinas que ela contém, visando alcançar a unidade na fé e no procedimento, tão necessários à igreja hoje em dia (Fp 2:2).

Que Deus nos abençoe!

Referências

Cambridge, D. d. (2012). *TEO_006 Referenciais Doutrinários - Documentos Contemporâneos*. Florianópolis: IBRVN.

CFB1689. (2012). *Guia IBRVN TEO_009 - Confissão de Fé Batista de 1689*. Florianópolis, SC, Brasil.

Heyse, J. (2008). *História da Igreja*. Florianópolis, SC, Brasil.

Heyse, J. (2012). *Catecismo de Heildberg*. Florianópolis: Igreja Batista Vida Nova.

Heyse, J. (2014). *Sola Scriptura*. Florianópolis: IBRVN.

Lloyd-Jones, D. M. (1997). *Deus o Pai, Deus o Filho*. São Paulo: PES.

Renihan, J. M. (2015). *Confessando a fé em 1644 e 1689*. São Paulo: O Estandarte de Cristo.

Spurgeon, C. H. (2015). *Um catecismo Puritano, compilado da CFB 1689*. O Estandarte de Cristo.